

VESTIMENTA PARA UMA IDENTIDADE: UMA LEITURA DA INDUMENTÁRIA FEMININA NA POESIA DE ADÉLIA PRADO

Antonia Gerlania Viana Medeiros (CAMEAM/UERN)

gerlania_medeiros@ig.com.br

Wellington Medeiros de Araújo (CAMEAM/UERN)

wellington.medeiros69@hotmail.com

Introdução

*A poesia me pega com sua roda dentada,
me força a escutar imóvel
seu discurso esdrúxulo.
Me abraça detrás do muro, levanta
A saia pra eu ver, amorosa e doída
(Sedução. Adélia Prado)*

Os estudos e análises, em textos literários ou não, sobre a identidade estão em foco. O sociólogo Zygmunt Bauman (2005) coloca que vivemos em uma sociedade líquida e, em uma busca constante da nossa identidade, confirmando assim o porquê das pesquisas se voltarem para esse âmbito. Deste modo, conforme as nossas leituras, falar em identidade, ainda segundo Bauman (2005), é colocarmos em questão tudo o que somos, o que falamos e, por que não, o que vestimos. A literatura, assim como várias outras artes, não está distante de receber a influência das roupas, da moda. Através de vários textos, encontramos histórias que mostram como as vestimentas de seus personagens determinam comportamentos. Como exemplo, podemos recorrer a “A gata borralheira” que se transforma em princesa, ao vestir um belo vestido, caracterizando o arquétipo da mulher fatal e sedutora que desperta no homem um fetiche pela roupa. Também na literatura brasileira podemos identificar como a indumentária compõe perfil de certas personagens. Ou, o que ainda é mais curioso, é notar que os sujeitos poéticos, de poemas como *Caso do vestido* de Carlos Drummond de Andrade, isso ocorre. Por enquanto, indicamos para análise a composição desse sujeito poético no poema *O vestido* de Adélia Prado, onde nos deparamos com uma mulher que se retrata diante da presença de seu “antigo” vestido.

Neste trabalho, portanto, buscaremos compreender, por meio da composição da indumentária feminina, o vestido, a identidade lírica do sujeito poético do poema de Adélia Prado, identificando a marca do feminino e a história de hábitos e modos propostos por essa roupa na vida da mulher. Afinal, nos pormenores do “tecido linguístico” do poema apontam-se os pormenores do tecido da vida que o circunda. Toda veste diz da identidade individual e coletiva de quem a usa.

O estudo sobre a identidade feminina vem sendo bastante explorado nas pesquisas literárias, entre os quais podemos (re) conhecer a figura da mulher através dos preconceitos, da mulher idealizada sublime ou da mulher fatal, além de diversos outros que compõem sua imagem enquanto ser que tende a ser estereotipado. Propomo-nos, assim, verificar a identidade feminina a partir do tecido que a cobre, que a faz misteriosa, sedutora, e que revela, como pretendemos identificar, aquilo que a caracteriza, desde a sua situação social, como familiar e amorosa.

Deste modo, privilegiaremos a imagem da mulher a partir das características apontadas pelo sujeito poético no que se refere ao vestido como artefato cultural. Cada

memória que define e pode evocar essa roupa servirá de subsídio para que compreendamos esse sujeito, bem como possamos refletir sobre uma possível identidade feminina. O nosso objetivo é entendermos como o estudo identitário nos permite a sua compreensão a partir da veste que cobre o corpo, e como a vestimenta revela os nossos hábitos, modos e costumes, além de que, como veremos no poema escolhido, guarda consigo a memória de um molde que não cabe mais ao corpo que o pertencia.

1. O feminino como tema: abordagens e discussão

Desde meados do século XVII a temática do feminino está em ascensão, como colocara Lasch (1999), em sua obra *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. O assunto se tornou um viés percorrido por muitos, ao falar sobre as mulheres, principalmente a respeito dos seus direitos e deveres, bem como modos e hábitos.

Desse modo, seguindo a citação de Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se mulher”, assim muitos são os fatores que constituem a mulher até ela construir sua identidade feminina, pois como colocara Confortini (2003, p. 111), “o que sabemos é que ser homem e ser mulher pode se dar de muitas formas e que os diferentes modos de ser têm motivações muito mais sociais do que naturais”. Então, o social é primordial na formação do ser homem e ser mulher. No nosso caso, interessa uma relação íntima e recíproca do gênero feminino a partir dos condicionamentos sociais e como podemos perceber tal relação na literatura, que é um dos meios que mais tem acentuado a presença da figura feminina, provocando reflexões que, através das personagens, salientam os costumes da época e do ser mulher, além de proporcionar a análise da escrita feminina e masculina, de acordo com Brandão (2006).

No texto literário encontramos vários tipos de mulheres, assumindo inúmeros papéis, encenando situações que nos fazem compreender quem são esses seres intitulados e estereotipados como frágeis. Na literatura, enquanto espaço de representação, é viável entender os significados sociais por trás das máscaras estereotipadas que conduzem a uma reflexão da identidade feminina. As obras literárias buscavam tratar de seus personagens femininos, os caracterizando como mulher boa aos olhos do seu marido.

Ao propormos o estudo identitário, compreendemos que identidade é reconhecimento do múltiplo, o incompleto proposto por Hall (2005), a fragmentação sugerida por Bauman (2005) e a interferência do simbólico colocado por Woodward (2009), entre outros.

Sabemos que cada particularidade da mulher indica a sua identidade, e que podemos compreendê-la através dos símbolos que compõem a sua vida. Como Woodward (2009, p. 10) dissera, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”, e que “a identidade é marcada por meios de símbolos” (Idem, p. 09). Dessa maneira, além das atitudes, passamos a entender a mulher pelas coisas e objetos que ela usa.

Souza (1987, p. 154) fala da mulher do século XIX, através das suas vestimentas. A autora diz que

A posse das roupagens, o acariciar com os olhos e as palavras, a máscara da vestimenta cingida muito rente ao corpo representavam, naquela época [século XIX] de severa vigilância, a única intimidade permitida. Nele se expandiam os recalques, enquanto o tempo não abrandava os tabus, destruindo também o belo simbolismo do amor.

A mulher do século XIX se encontrava muito presa aos ensinamentos moralistas aos quais aprisionavam as jovens moças em uma série de regras que determinavam as atitudes a

serem tomadas por cada uma. A roupa “cingida muito rente ao corpo”, conforme colocara a autora, demarcando o desenho corporal das moças, era a única intimidade permitida na época.

Consequente, a leitura dessa indumentária nos permitirá ver a roupa como uma linguagem dirigida entre o corpo que a veste e o meio em que se encontra, afinal, como colocara Ximenes (2009, p. 27) “é possível ler a história do homem por meio da indumentária feminina”.

As vestimentas, tanto dos homens quanto das mulheres, representam, até hoje, situações ímpares de cada período, pois a partir delas podemos averiguar a condição cultural, econômica e identitária dos corpos que as vestem. Ao mesmo tempo em que podem ser vistas como arte, pois, segundo Souza (1987, p. 41), “para que a vestimenta exista como arte é necessário que entre ela e a pessoa humana se estabeleça aquele elo de identidade e concordância que é a essência da elegância”, isto é, tem que existir uma identificação entre a roupa e a pessoa que usa.

Então, a vestimenta que cobre o corpo, em muitas das vezes, é o reflexo do que a pessoa que a veste se identifica, sendo possível entendermos a construção identitária, pois a conciliação proposta por Souza (1987), entre o “eu” e a “sociedade”, compõe a mensagem repassada pela linguagem remetida pela roupa.

A roupa oferece um jogo de esconde-esconde, em que alguns encantos anatômicos da mulher se escondem por baixo dos tecidos e véus que os cobrem, e outros aparecem para revelar, “a mulher estabelecia o jogo de insinuar e recuar” (XIMENES, 2009, p. 22). O decote nos vestidos foi um dos recursos mais utilizados pelas mulheres do século XIX, relutando para manter a moral burguesa exigida, assim, a indumentária feminina oferece mistério, como compusesse uma caixa de surpresa em que poderia sempre surpreender o outro com uma nova des-coberta.

Deste modo, buscaremos compreender, na leitura dessa vestimenta, na análise do poema de Adélia Prado, como se porta ou se firma uma identidade lírica para esse sujeito lírico, apontando, ao mesmo tempo, marcas do feminino e da história de hábitos e modos propostos por essa roupa na representação literária e cultural.

2. Do vestido e outras letras: análise da indumentária e da identidade feminina no poema *O vestido* de Adélia Prado

Pois é transmutando a prosa cotidiana do trajar em fantasia poética que o vestido cumpre plenamente o seu encargo transfigurador em relação à pessoa que veste.

Gilda de Melo e Souza

O poema *O vestido*, escrito por Adélia Prado conta a história de um sujeito feminino que ao reabrir o seu armário é elevado a um estado de recordação, em que se permite vivenciar momentos de outrora, através da imagem vista, idealizada e lembrada do vestido. Atentemos que o título do poema já nos faz entender que não vamos falar somente de um sujeito poético, mas iremos falar de um vestido, aliás, “o vestido”, pois o próprio artigo “o” que acompanha o substantivo “vestido” define que estamos falando de uma determinada vestimenta e não de qualquer outra, o que já o torna diferente dos outros, pois ele não tende a ser igual, a ser mais um, mas é o vestido guardado, protegido. “No armário do meu quarto escondo de tempo e traça/ Meu vestido estampado em fundo preto” (PRADO, 2010, p. 108).

O poema inicia indicando o ambiente que o vestido ocupa, onde ele está localizado, demarcando dessa maneira o espaço entre ele e a sua dona, pois é o eu-lírico que enfatiza que o armário está no “meu quarto”, e que o vestido está no armário. A imagem do armário nos traz a compreensão simbólica do objeto que guarda e protege os nossos pertences, no entanto,

a porta desse objeto não nos convida a entrar, o seu limite é delimitado pelo pequeno espaço, restringindo para guardar as peças que queremos proteger. O armário guarda e protege o vestido das traças, enquanto que o vestido guarda e protege do tempo a memória do sujeito poético.

O sujeito poético revela que o seu vestido está “escondido”, o esconderijo é devido o “tempo” e a “traça”, pois ambos têm o poder de consumir. O tempo consegue desgastar a nossa memória, os objetos materiais e envelhece o corpo do ser humano, ele sempre passa e leva o que nos pertence. Dessa maneira, o eu-lírico não poderia permitir que a roupa detentora da sua recordação fosse destruída pelo tempo, tendo em vista que é ela que relaciona o seu presente com o passado. Quanto a traça, sabemos que ela é um inseto que se alimenta de materiais que estejam pouco expostos a luz, ela os consome aos poucos, até destruí-los totalmente, se valendo do próprio tempo para destruir o material consumido. Por isso, o vestido teria que ser protegido da traça, ela poderia devastá-lo, assim como a memória.

O vestido era “estampado em fundo preto”, como já dissera o sujeito poético, assim poderemos entender o vocábulo “estampado”, no sentido colorido mesmo, que remete à vida, à alegria, ao florescer seja das cores ou da idade, pois o sujeito poético era jovem quando o seu corpo era protegido pelo vestido.

No poema *O vestido*, ao o eu-lírico dizer que o vestido estampado estava “em fundo preto”, podemos ter como imagem o forro do vestido sendo da cor preta, ou a própria escuridão em que estava guardado o vestido em um armário fechado, que o protegia do tempo e da traça. O preto também oferece a interpretação simbólica da obscuridade que se tornou a lembrança, as memórias do sujeito. Apesar de que a cor que prevalece é o estampado, pois a cor preta está somente no fundo, que dar a ideia de distante e não prevalecente. O estampado mais uma vez remete a uma lembrança boa.

A memória do sujeito é, assim como o armário, fechada e protegida, o que o sujeito poético considera importante, pois esconde as lembranças que tem mais zelo, para que assim o tempo ou qualquer “traça” não possa consumi-la. E o vestido nesse enredo é a chave perfeita para a fechadura desse armário que guarda a memória do sujeito poético, pois é através dessa indumentária, que as lembranças do sujeito poético retomam a memória, que faz com que essa mulher tenha tanto zelo por seu vestido.

Ao estar diante do vestido o sujeito poético retoma as suas lembranças, ressaltamos que entendemos que o sujeito é uma mulher tendo em vista a maneira como o mesmo se pronuncia e deixa explícito a sua identidade feminina, além das inúmeras menções e da afirmação do uso da indumentária exclusiva do sexo feminino, o vestido. Em todo o instante conhecemos um pouco do sujeito a partir do que é colocado pela presença da lembrança do vestido, a descrição do vestido é quem nos apresenta as características da mulher que um dia o vestiu.

“É de seda macia desenhada em campânulas vermelhas/ À ponta de longas hastes delicadas” (PRADO, 2010, p. 108). Composto por um tecido macio e muito bem desenhado com as suas campânulas vermelhas, além da delicadeza de suas longas hastes, construímos a imagem desse vestido como uma indumentária elegante, enriquecida por detalhes do modelo que foi feita e criada para o corpo que iria vesti-la.

Ao mencionar que o vestido é de seda, podemos remeter a ideia de macio ao próprio corpo de quem usava esse vestido, pois agora não é mais macio como antes, talvez agora seja enrugado, enquanto que o vestido ainda mantém a sua forma, a maciez do seu tecido. O corte do vestido é em “campânulas vermelhas”, isto é, em formato de sino, o que nos indica que a pessoa que usava o vestido tinha suas formas bem definidas, ao mesmo tempo em que voluptuosas.

Indiscutivelmente a indumentária feminina prevalecente na fantasia da mulher, é o vestido. No poema *Um sonho* (PRADO, 2010, p. 75) o eu-lírico revela que durante um sonho

se imaginou com “o meu vestido era num tom de azul, cheio de panos, lindo./ o meu corpo era jovem, as minhas pernas gostavam do contato da seda”. Nesse texto, a presença do vestido faz com que o sujeito lírico remeta a sua memória, através do imaginário que é o sonho, e se enxergue com o corpo jovem deslumbrante, com o vestido azul de seda que toca as suas pernas e que as mesmas gostem do toque.

O vestido prevalece na vida da mulher como roupa fiel aos acontecimentos mais importantes da existência do ser feminino, desde as primeiras vestimentas para distinguir o sexo do bebê, em que a menina está de vestido, enquanto os homens calças e shorts. Aos bailes de debutantes em que a mulher comemora a idade de sua puberdade deslumbrando os seus convidados com um longo vestido que circula em meio a valsa com um belo rapaz. Temos as festas de formaturas e demais ocasiões que exigem da mulher está devidamente apresentável com seus vestidos, ou até mesmo a ocasião do matrimônio que traz em sua raiz cultural a presença da figura feminina com o seu vestido branco a adentrar na igreja ao encontro do seu futuro esposo. Enfim, o vestido acompanha a mulher, assim como a mesma tem nele a representação da sua identidade feminina.

O autor Antony Giddens (2002) ao tratar do assunto de identidade, menciona a roupa como um meio pelo qual o ser humano demonstra quem é e a sua identidade. E na nossa análise passamos a conhecer o sujeito poético através da roupa que veste, pois é através do corte e da costura do vestido que conhecemos as formas do corpo de quem um dia o usou. “Em todas as culturas, a roupa é muito mais que um simples meio de proteção do corpo – é manifestamente um meio de exibição simbólica, um modo de dar forma exterior às narrativas da auto-identidade” (GIDDENS, 2002, p. 62).

Pensar que a roupa é posta ao corpo somente no intuito de protegê-lo é ignorar as demais razões pelas quais a vestimenta é peça fundamental do dia-a-dia do ser humano, a escolha do tecido, modelo e detalhes tem a autocrítica da identidade, pois transmitimos a nossa cultura, pensamento e preferência modéstica por meio da roupa.

No poema de Adélia Prado o sujeito poético relata passo a passo as lembranças remotas que o vestido consegue trazer à tona novamente, acompanhamos as descrições do vestido e do zelo que sua dona tem por ele, além da adoração sentida por essa vestimenta. “Eu o quis com paixão e o vesti como um rito,/ Meu vestido de amante” (PRADO, 2010, p. 108).

Nesse trecho do poema, o sujeito poético declara o desejo que possuía em vestir o vestido, assim como agora, em sua realidade, sente a mesma paixão por essa roupa, por ser ela a sua renovadora, àquela que a faz se sentir mais jovem.

O desejo pelo vestido, ao colocar “eu quis com paixão”, remete ao que Bauman (2005, p. 91) colocou em seu texto ao falar na construção da identidade, pois a sociedade nos oferece inúmeras alternativas de objetos, lugares e situações com as quais nos identificamos e queremos possuir, no entanto, é necessário ter condições financeiras para concretizarmos tais vontades.

Selecionar os meios necessários para conseguir uma identidade alternativa de sua escolha não é mais problema (isto é, se você tem dinheiro suficiente para adquirir a parafernália obrigatória). Está à sua espera nas lojas um traje que vai transformá-lo imediatamente no personagem que você quer ser, quer ser visto sendo e quer ser reconhecido como tal.

Desejar ser detentor de um objeto no mundo globalizado o qual estamos inseridos não é um problema, desde que tenhamos capital para isso, pois como Bauman coloca que “espera nas lojas um traje”, e basta você comprá-lo para assumir o personagem que deseja ser. A vestimenta nos oferece papéis a serem assumidos quando a vestimos, assim não dá para

vestir um vestido de noiva e ir passear na praia, pois tal veste é exclusiva para o uso na ocasião de um casamento.

O sujeito poético desejou o vestido e o teve, tanto foi a conquista pelo vestido, que no momento de colocá-lo o vestiu “como um rito”, demonstrando o quanto cultuava e adorava essa indumentária, e como era representativa para sua vida. O poder vesti-lo é a transformação do seu corpo antes de estar vestida e ao estar com o vestido, por isso o rito, a mudança.

A afirmação que o sujeito poético coloca ao dizer “meu vestido de amante” procede mais uma vez o pronome que indica a posse do objeto, se colocando como dona do vestido. Enfatizemos o termo “vestido de amante”, pois este nos permite algumas interpretações e não somente uma. O vestido de amante pode ter sido dito pelo o uso deste em um momento que o sujeito poético se encontrara com alguém especial, ou talvez seu amante. Além disso, de acordo com todo o contexto que é descrito, o momento que o sujeito lírico estava com o vestido foi na ocasião em que se encontrava com a pessoa querida, o texto nos faz crer que se trata de amante como aquele que ama e é amado, vive algo com paixão.

A roupa exerce então a expressão de subjetividade reprimida na comunicação da mulher com o mundo. As roupas muitas vezes falavam por elas, ou, muitas delas, exprimindo seus sentimentos mais secretos quando em público. (XIMENES, 2009, p. 45)

O vestido só se torna especial por que ele é a representação do momento bom vivido pelo sujeito poético, Ximenes (2009) já colocara que a roupa exerce a função de mediador na comunicação existente entre o sujeito que a veste e a sociedade a qual está inserido, bem como a indumentária favorece e contribui até hoje para a interação da mulher com o seu meio.

No poema de Adélia Prado encontramos um sujeito poético feminino que relata o episódio vivido por ela quando estava com o seu vestido, como essa indumentária protege do tempo e da traça as memórias que o sujeito tenta guardar e lembrar. A vestimenta, mesmo que não seja mais vestida por ela, continua a dialogar com o corpo, aliás, com a sua dona, pois faz com que a lembrança seja ativada quando está na presença e na representação do vestido.

Apesar de o texto tratar do vestido e tentarmos analisar o poema através da leitura da indumentária, afirmamos que a roupa descrita pelo sujeito poético e analisada nesse trabalho, não é apenas tecido, mas memória e identidade de um sujeito feminino que nos permite conhecê-la por meio das descrições realizadas por ela, sobre o vestido guardado e protegido. E Souza (1987, pp. 40-41) coloca que

Assim como para julgarmos a beleza de um rosto não podemos separar o acordo das linhas de expressão que as anima – tantos rostos sendo belos por possuírem exatamente essa beleza de expressão –, para que a vestimenta exista como arte é necessário que entre ela e a pessoa humana se estabeleça aquele elo de identidade e concordância que é essência da elegância.

Assim, entre o corpo e a vestimenta existe um elo que perpetua a identidade do sujeito com as suas atitudes, hábitos e com a roupa que veste. É necessário haver identificação entre a pessoa e a roupa para que possamos compreendê-la através da indumentária. No poema analisado o sujeito feminino nos mostra o quanto se identifica com o vestido, assim passamos a entendê-lo e identificar a identidade do mesmo.

No poema de Adélia Prado, o sujeito poético coloca que o tempo passou e o vestido continuou a existir, o sujeito feminino não era mais o mesmo, o seu corpo não poderia se

proteger do tempo e ganhou as marcas que indicam fluxo de algo mutável. Por isso que o sujeito reitera “Ficou meu cheiro nele, meu sonho, meu corpo ido” (PRADO, 2010, p. 108), alegando que suas marcas e história ficaram entranhadas no vestido, a essência do sujeito poético feminino permaneceu no vestido, os sonhos, alusões e realidade de outrora também estavam alinhavados no vestido, até o corpo de dantes permanece nessa indumentária, gravado e guardado nas lembranças que a vestimenta protege.

O corpo do sujeito não se distancia do vestido, pois, segundo Ximenes (2009, p. 89) “o vestuário não pode ser percebido sem a relação direta com o corpo”, o vestido só nos oferece a compreensão através da leitura da indumentária nesse poema, porque fazemos relação da roupa com o corpo que lhe pertence, que já lhe ofereceu movimentos, vida.

Não esqueçamos o que Ximenes (2009, p. 89) colocou ao afirmar que a indumentária nesse “novo território de existência e cultura deixou de ser objeto frívolo, efêmero, fútil, para ser lido como busca de identidade”, que é o que mostramos em nosso trabalho, entender a identidade do sujeito poético através da leitura da indumentária, pois a roupa que nos orienta para a análise não se trata unicamente de uma vestimenta da moda, mas objeto indicador da condição identitária do corpo que a vestiu. “É só tocá-lo, volatiza-se a memória guardada:/ Eu estou no cinema e deixo que segurem minha mão” (PRADO, 2010, p. 108).

A imagem do vestido veste o tempo do sujeito, assim como um dia vestiu o seu corpo, pois a cada toque do sujeito poético no vestido é retomada a lembrança de um momento especial para a vida da mulher que o teve cobrindo a pele, isto é, o próprio eu-lírico relata a sensação de está vestida com essa indumentária.

Ao sentir o vestido na sua pele, por meio de um simples contato, o sujeito poético coloca que “volatiza-se a memória guardada”, ou seja, do interior esquecido, guardado na mente como lembrança do sujeito poético, surge o resquício da recordação solidificando o encontro da mulher com o vestido, ambos juntos vivendo o momento proporcionado no cinema na companhia de alguém especial para esse sujeito feminino.

A importância dada ao vestido pelo sujeito poético é reflexo do que Ximenes (2009, p. 22) expõe em seu texto ao dizer que “a imagem era um dos poucos artificios de que ela (a mulher) se valia para a conquista, visto que suas aparições públicas eram restritas”, assim o vestido é a representação e símbolo da real presença do sujeito feminino no cinema na companhia de alguém a qual ela permite que segure a sua mão. Lembremos que pela maneira que o sujeito relata a sequência dos fatos, entendemos que o episódio ocorreu em um período que o simples toque de mão representava amorosamente muito, pois era o contato permitido e conseguido pelo sujeito poético ora analisado.

A princípio o sujeito poético afirma que ao tocar o vestido volatiza-se a memória, em seguida o toque da pessoa que a faz companhia no cinema, ao segurar a sua mão, demonstrando mais uma vez a importância do contato, em que as sensações passam a ser descritas de maneira mais pertinentes.

Conclusão

Enfim, o sujeito poético revela que “De tempo e traça meu vestido me guarda” (PRADO, 2010, p. 108), pois assim como a mulher revela o quanto guarda e protege seu vestido do tempo e da traça, o próprio vestido também a protege do tempo e da traça, pois ela ainda está viva, a dona do vestido guardado vive e recorda o momento vivido, vestida com o vestido, afinal a veste e o sujeito revestem um ao outro tentando se protegerem do tempo e da traça, para que ambos possam continuar existindo e não sejam consumidos por nenhum dos dois elementos.

Conhecemos o sujeito poético de *O vestido* porque a roupa do mesmo nos faz compreender a identidade, pois pelas suas palavras ao retratar o vestido que traz à tona a memória de um momento bom vivido por ela, a cada característica descrita do vestido é que criamos a imagem não somente dessa indumentária, mas, e principalmente, da figura feminina que se revela.

O tecido que ganha formas, cortes e costuras, e que tem como função cobrir e proteger o corpo serve a nossa análise para dê-cobrirmos a identidade do sujeito poético. A leitura da indumentária nos mostra que é possível analisar os sujeitos poéticos através das roupas que vestem, afinal, nos pormenores do tecido linguístico do poema, apontam-se os pormenores do tecido da vida que o circunda. Toda veste diz da identidade individual e coletiva de quem a usa.

Ressalte-se que o tecido e a roupa não transmitem tudo de um ser que o veste, no entanto, podem sim ser os reveladores de muitas características que buscamos entender das pessoas, não no julgamento das aparências, mas em qual grupo da sociedade (seja cultural, econômico e étnico) a sua roupa te enquadra, sobrepondo os valores e a estética.

Portanto, em um jogo de palavras e interpretações poderíamos afirmar que a roupa que tem como função cobrir, foi utilizada nessa análise para descobrirmos o sujeito dono e afetado pela existência desse vestido. Na leitura da indumentária feminina marcada no texto literário, em nossa análise do poema *O vestido* de Adélia Prado, concluímos que o fazer estético é forma a moldar valores, hábitos e circunstâncias presentes na literatura brasileira, como também no fazer histórico e cultural.

Referências bibliográficas

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. São Paulo: Eduem, 2003.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- CONFORTIN, Helena. Discurso e gênero: a mulher em foco. In: LUCENA, Maria Inês Ghilard (Org.). *Representações do feminino*. Coleção Mulher & Vida. Campinas: Editora Átomo, 2003.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge zahar, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- LASH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Org. Elizabeth Lash-Quinn; Tradução de Heloísa Martins Costa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- PRADO, Adélia. *Bagagem*. 29 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SOUZA, Gilda de Melo e. *O espírito das roupas: a moda do século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, Mulheres. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, T. T. da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estações das Letras e Cores, 2009.